

## SAINDO DO ARMÁRIO



PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS  
pedro.fonseca@ufrgs.br

**A** estabilidade da economia americana deve-se, dentre outros fatores, à existência de uma burocracia estável que permanece no poder tanto em governos republicanos como democratas, a qual advoga para si a responsabilidade do “interesse nacional” e de seus “valores permanentes”. O governo Trump tem batido de frente com esse segmento, e a proteção ao aço e ao alumínio é mais um caso nesse sentido. O que surpreende não é esta em si, já que os EUA são, tradicionalmente, um país protecionista e a tal burocracia cuida zelosamente por seus interesses comerciais e estratégicos. Incomodam seus motivos e a forma de explicitá-lo, dois fatores relevantes nas relações internacionais.

Pesam, no caso, as razões serem mais eleitorais do que propriamente econômicas, já que de olho na vitória republicana em estados tidos como pendulares (sem partido hegemônico). O uso eleitoreiro da política comercial é reprovável porque afeta interesses de outros setores empresariais e a própria regra multilateral de política externa, da qual a burocracia se sente guardiã desde o pós-guerra, indissociável da supremacia americana. E aqui entra a forma

de explicitar o protecionismo: para manter a fachada de tal regra, esse sempre se deu de forma velada, através de barreiras sanitárias, ecológicas ou pretensos revides a *dumping* de outros países. Ao contrário, agora Trump convocou empresários e sindicatos dos setores de aço e alumínio para um evento oficial, defendeu as barreiras, enalteceu-as como regra e até saudou as guerras comerciais. O fato de o protecionismo sair do armário faz toda a diferença, pois rasga o princípio maior da política comercial do país e deixa a burocracia atônita e sem retórica.

Também é quase cômica a forma de reação à medida, cada país querendo considerar-se exceção e convencer os EUA de sua excepcionalidade. No caso, a posição do Brasil, por mentira que pareça, é a mais racional: lembra que os bens exportados dependem do carvão americano e, em sua maioria, são brutos ou semielaborados, portanto matérias-primas cujo valor é agregado no próprio território americano, além de o preço maior do aço recair sobre os consumidores. A aposta é que segmentos internos perdedores ajudarão a reverter a decisão. Resta pagar para ver se a racionalidade ainda conta.